

Entre a tradição e a modernidade: um quarteirão aberto nas Avenidas Novas em Lisboa

Paulo Pinheiro

CIAUD, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Rua Sá Nogueira, Pólo Universitário, Alto da Ajuda, 1349-055 Lisboa, Portugal. E-mail: p.pinheiro.17@gmail.com

Artigo revisto recebido a 11 de Setembro de 2014

Resumo. *Há em Lisboa poucos quarteirões com o seu interior aberto à cidade. Os existentes surgiram em torno de 1940, ano da Exposição do Mundo Português, o certame de afirmação do regime de ditadura e a marca, no tempo, da inflexão na política de modernidade da nação. É um ano importante para a arquitetura portuguesa porque significa o início de um novo ciclo após uma década de abertura do regime à construção de obras claramente referenciadas à arquitetura moderna que se fazia na Europa. Precisamente nesse ano, 1940, o arquiteto Maurício Trindade Chagas elabora o projeto para um quarteirão de habitação com esta particularidade moderna: o seu interior é acessível à utilização pública, é possível atravessá-lo através de um eixo longitudinal com vocação pedonal. Este quarteirão ergue-se em frente à Casa da Moeda, um edifício moderno, então recente, e de clara influência da arquitetura holandesa. Este artigo caracteriza a ambivalência conceptual do projeto: a linguagem do Estado Novo e a modernidade do tipo de quarteirão adotado. Para tal enquadram-se os acontecimentos no tempo e identificam-se os modelos de influência na concepção deste quarteirão.*

Palavras-chave: quarteirão aberto, modernidade, urbanidade, Lisboa

A época industrial, de inspiração progressista, e o subsequente século XX concretizam um período notável quanto ao desenvolvimento da humanidade. É um tempo que concentra as mais profundas transformações que a humanidade conheceu no último milénio. Muitas dessas transformações aconteceram por volta de 1900 e determinaram vincadamente o rumo das ideias e dos factos que viriam a constituir o século XX.

Em Portugal, o primeiro quartel do século XX, corresponde a um período de alguma agitação política. À margem do fulgor da Europa, Portugal tem uma indústria insipiente e após anos de instabilidade política e económica vê implantar-se em 1926 uma ditadura militar que vem, mais tarde, a originar o denominado Estado Novo.

Esta mudança traz alguma estabilidade política e económica ao país e será, numa primeira fase, um impulso determinante à aplicação prática dos princípios da arquitetura moderna que se praticava na Europa.

A segunda metade da década de 1920 e a década de 1930 correspondem a um período de tempo de um certo fulgor da modernidade na arquitetura portuguesa. Apoiados pelo investimento público na construção de grandes equipamentos e por uma vontade iminente de aplicação dos novos conceitos arquitetónicos, uma geração de jovens arquitetos desenvolve nestes anos um conjunto significativo de projetos e obras profundamente inspiradas na linha ‘internacionalizante’ da arquitetura moderna.

Porém, em 1940 verifica-se uma inflexão

na estratégia da modernidade da nação e a Exposição do Mundo Português, certame realizado durante esse mesmo ano, é a grande manifestação dessa inflexão que, enquanto evento de afirmação da imagem do poder, assume, imperativamente, a linha nacionalista negando a concepção moderna internacional da arquitetura.

É precisamente neste ano, um tempo de desencontro e incerteza, que se desenvolve e apresentam à Câmara Municipal de Lisboa (CML) os projetos de arquitetura dos lotes que constituem o quarteirão em estudo.

É esta circunstância particular o impulso deste estudo: por um lado, o guião imperativo para uma linguagem de razão ‘nacionalizante’ e, por outro lado, a premência e o desejo de aplicar modelos modernos de cidade. O estudo visa contribuir para o conhecimento deste período particular da história e da forma urbana da cidade de Lisboa, mais concretamente para o enquadramento histórico e conceptual de um elemento urbano excepcional no contexto da forma urbana de Lisboa, o quarteirão aberto. Metodologicamente, o estudo desenvolve-se e entretence-se entre dois modos de atuação: a revisão da literatura e a recolha de dados em fontes primárias, designadamente os arquivos dos processos dos edifícios na CML e a visita ao local durante o processo de investigação.

Objeto de estudo

O quarteirão em estudo é constituído por dezoito lotes que correspondem à repetição de cinco tipos diferentes. Destes, foram consultados (arquivo da CML) seis processos / lotes onde constavam todos os tipos. Verificou-se que todos os projetos de arquitetura dos edifícios foram realizados pelo arquiteto Maurício Trindade Chagas. Verificou-se ainda que todos os projetos, deram entrada na CML em 1940, ano em que se iniciou a construção dos edifícios. A obra decorreu em contínuo até ao ano de 1943.

O conjunto edificado em estudo, situa-se em Lisboa, nas Avenidas Novas (próximo do Bairro Social do Arco do Cego), tendo como limites: a Avenida Defensores de Chaves; a Avenida António José de Almeida; a Rua D. Filipa de Vilhena; e a Avenida Visconde Valmor (figuras 1 e 2).



Figura 1. Vista sobre o gaveto noroeste.



Figura 2. Vista sul, faixa ajardinada.

Trata-se de um quarteirão concebido para uso habitacional com rés-do-chão e quatro pisos.

Relativamente à envolvente urbana mais próxima, os edifícios que configuram os quarteirões, apresentam uma grande diversidade linguística, formal e volumétrica que contrasta com o quarteirão em análise. Este facto é a consequência direta de dois factores: por um lado o grande leque temporal em que decorreu a ocupação e construção de todos os lotes; por outro lado, e talvez seja este o aspecto mais determinante da diversidade, imperava (na segunda metade do século XIX e início do século XX) um certo liberalismo político e legal sobre os agentes da construção e da promoção imobiliária, isto é, a ausência de modelos de arquitetura afectos ao plano de Ressano Garcia, entregava ao construtor ou dono de obra o poder da decisão sobre a altura do edifício, o número de pisos, os tipos (que variavam entre a moradia com jardim à frente, o palacete isolado, o prédio de rendimento...) e o índice de ocupação do lote.

Em contraste com esta heterogeneidade, este quarteirão apresenta-se como se de um

único edifício se tratasse. Apesar de ser constituído por vários lotes, cada um com a sua entrada e respectivo número de polícia, o quarteirão foi concebido como um único projeto e executado num único momento de obra. Harmonizaram-se, a linguagem arquitectónica, os materiais utilizados, a paleta cromática, a volumetria, a cércea e os tipos de habitação.

O conjunto apresenta uma composição racional e depurada das suas fachadas. Com um embasamento em todo o seu redor, de pedra calcária lisa, onde todos os vãos ao nível do rés-do-chão se apresentam como subtrações à massa calcária. A partir do primeiro piso, a fachada é rebocada com argamassa de cimento pintada e os vãos, sob forma de janelas ou sacadas para varandas, são emoldurados por elementos espessos de cantaria. Os vãos de sacada servem o acesso a pequenas varandas, também estas, pequenas lajes balançadas, em pedra calcária. É aliás, nestes elementos em pedra (cantaria de janelas e varandas) que se encontram os adornos decorativos que se resumem a cachorros de suporte às varandas, suportes para vasos nalguns vãos de janela e lintéis das janelas nos gavetos.

Tipologicamente, a maioria dos edifícios, os que preenchem os maiores lados do quarteirão, apresentam uma implantação em ‘U’ com um espaço reentrante ao eixo das traseiras, como um saguão aberto, ou um pátio que dá acesso à escada de serviço (figuras 3 e 4). Quando juntos, estes edifícios aparentam um característico ‘rabo de bacalhau’, apesar de na realidade não o serem. A designação ‘rabo de bacalhau’ é frequentemente utilizada para identificar edifícios de habitação multifamiliar cuja planta do piso-tipo tem a configuração de um ‘T’. Trata-se de uma solução ‘recorrente na arquitectura para habitação multifamiliar das décadas de 1940 e 1950. Mecanismo de projecto que permite contornar a dificuldade em fazer aprovar edifícios com grande profundidade de construção (...) mediante o desenho, em lotes de média e grande dimensão, de generosos salientes posteriores como extensão da parte central da planta. A forma resultante de planta em T, recordando o formato do gadídeo, implica o aumento significativo da área dos fogos a tardoz, ocupada na maioria dos casos com áreas



Figura 3. Pormenor do acesso aos edifícios pelo interior do quarteirão – recorte reentrante da caixa de escadas.

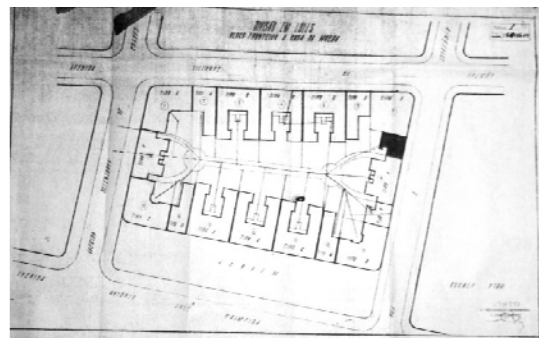


Figura 4. Planta de implantação do quarteirão (fonte: Arquivo Municipal da CML).

íntimas e de serviços (cozinhas, tratamento de roupas e escadas)’ (Agarez, 2008, p. 72).

Já os edifícios dos topos sobre o eixo longitudinal, aqueles sob os quais se abrem os túneis de acesso ao interior do quarteirão (figuras 5 e 6), apresentam uma organização em planta com rabo de bacalhau, porém mais largo que o seu congénere mais usual em Lisboa.

A origem do lugar: o Plano das Avenidas e o quarteirão tradicional

A segunda metade do século XIX e o primeiro quartel do século XX significam, na



Figura 5. Acesso nascente ao interior do quarteirão.

Europa, tempos de grandes mudanças para as cidades. É neste período que se desenvolvem teorias, planos e se concretizam obras de grande dimensão que vêm a transformar profundamente as cidades, bem como, a marcar paradigmaticamente aquelas que no futuro se viriam a ampliar e a modernizar. São disso exemplo a Paris de Haussmann (1809-1891) ou a Barcelona de Cerdá (1815-1876), assim como as cidades, que mais tarde se confrontaram com a reconstrução do pós-guerra. As teorias progressistas desencadearam um movimento obstinado pela melhoria das condições de vida nas cidades, que se confrontavam com graves problemas sociais e de salubridade que resultaram do crescimento vertiginoso que algumas cidades europeias tinham tido com a Revolução Industrial.

Londres passa de 846 845 habitantes em 1801, para 1 873 676 em 1841 e para 4 232 118 em 1891. Apesar de Inglaterra ter sido o primeiro país a sofrer e a registar as transformações da Revolução Industrial, a Europa continental, nomeadamente a França e a Alemanha, seguem o seu exemplo, registando valores de crescimento da população urbana semelhantes a partir de 1830 (Choay, 1965).

Lisboa, embora mais tarde (em relação a outras cidades europeias) enfrenta também os desafios do crescimento após a consolidação urbana da expansão pombalina. Em 1874 Frederico Ressano Garcia (1847-1911) é admitido para a repartição técnica da

CML. Formado em engenharia de pontes e calçadas, pela Escola Politécnica de Paris, Ressano Garcia vem protagonizar a implementação de ‘um plano compreensivo da cidade, evidentemente inspirado na cultura internacional do seu tempo, que se destina especialmente à zona norte, mas se ocupa de áreas passíveis de desenvolvimento empírico com grande abertura e maleabilidade’ (Rodrigues, 1979, p. 64).

Entre outras zonas da cidade, como os bairros de Campo de Ourique e da Estefânia, Ressano Garcia define as linhas que virão a determinar a configuração da cidade para norte e que vem a constituir o Plano das Avenidas (1888). Apesar de não se poder associar diretamente o desenho adoptado para esta nova Lisboa à Paris de Haussmann, uma vez que não se destrói a cidade antiga sob a ideia imperativa do progresso, mas sim se expropria o solo de natureza rural e de potência urbana na senda de um crescimento mais organizado, pode-se, todavia, encontrar pontos de contacto entre a Lisboa de Ressano Garcia e a geometria racionalista de Haussmann em Paris. ‘Ressano Garcia não tem a intenção de fazer uma cidade nova, como em Paris ocorria, mas sim dar extensão a Lisboa, quer na zona norte, quer nos bairros novos (...)’ (Rodrigues, 1979, p. 77).

Ressano Garcia corresponde, assim, ao mediador que trouxe para Lisboa as ideias de Haussmann que fez de Paris um exemplo paradigmático do urbanismo europeu que se veio a exportar para outras cidades, não só francesas, como também de outros países europeus (Lamas, 1993, p. 212). Ressano Garcia procura, com este modelo, construir uma cidade com maior mobilidade, mais arejada e salubre, com mais luz, com espaços verdes e responder aos requisitos da cidade nova. O desenho dos planos que se projetam para Lisboa, têm como base morfológica a ‘avenida’, agora ampla, e o ‘quarteirão’ de forma regular, de dimensão adaptada à escala de Lisboa (de menor dimensão que os de Haussmann em Paris).

A ocupação imobiliária destes lotes, é um processo lento, que decorre ao ritmo dos investimentos imobiliários que a burguesia vai fazendo. As Avenidas Novas são assim, no primeiro quartel do século XX, um tecido viário consolidado, porém com inúmeros



Figura 6. Túnel poente de acesso ao interior do quarteirão: a) vista para o interior, b) vista para o exterior.

lotes e mesmo quarteirões por construir.

Em 1940, ano em que se desencadeia o projeto e a obra do quarteirão em estudo, poucos eram os lotes que em seu redor se encontravam ocupados com edifícios. Para além de alguns prédios de rendimento de concepção pré-moderna e do Bairro Social do Arco do Cego, cujo processo tem origem na 1ª República, importa referir que faziam já parte da envolvente próxima do quarteirão um conjunto de edifícios muito significativos e representativos do primeiro modernismo que se realizou em Portugal na década anterior, os anos 30, designadamente: confinando com uma das suas frentes, a Casa da Moeda (1933-41) de Jorge Segurado (1898-1990); o Liceu D. Filipa de Lencastre (1932-40), também da autoria de Jorge Segurado; para nascente, a poucos metros, está o Campus Universitário do Instituto Superior Técnico (IST) (inaugurado no ano lectivo de 1936/1937) e o Instituto Nacional de Estatística (1935), ambos de Pardal Monteiro (1887-1957); e ao longo da Avenida António José da Almeida, um conjunto de moradias unifamiliares que inicialmente se destinavam a dar residência a professores do IST, projetadas, entre outros, por Cassiano Branco (1897-1970), Cristino da Silva (1896-1976) e Cottinelli Telmo (1897-1948).

A arquitetura dos anos de 1920 e 1930

Se no estrito âmbito da linguagem da arquitetura do conjunto edificado em estudo é possível identificar a apologia à recentemente instituída linguagem do poder, já no âmbito do desenho urbano afecto a este pequeno conjunto, podemos identificar modernidade na utilização de um tipo de quarteirão sem precedentes em Lisboa.

Como se referiu, o início do século XX é marcado pelo aparecimento crescente de manifestações culturais diversas que defendem um novo paradigma arquitectónico que corrobore a vida urbana moderna, industrializada e salubre, tirando proveito de todo o potencial disponível pela nova ciência da construção e da técnica.

No ano de 1925 em Paris inaugurava-se a *L'Exposition des Arts Décoratifs*, onde se expunham as formas das vanguardas da arquitetura que, com uma certa ambivalência, eficazmente representavam o tempo de mudança que então se vivia. Se por um lado se expunha 'a nostalgia decorativa modernizada pelas formas geométricas que ficou conhecida como *art déco*' (Caldas, 1997, p. 23), por outro, este evento também deu espaço ao 'purismo racionalista dos pavilhões representativos da vanguarda do movimento moderno' (Caldas, 1997, p. 23).

Era este o tempo do confronto e da tomada de posição sobre a linha a adoptar: idealista e defensora da continuidade progressiva da evolução natural do gosto (Zevi, 1950), tendencialmente simplificadora e racional das formas e da decoração que agora se geometrizava; ou rendida aos prodígios da técnica, da nova ciência da construção e da nova realidade sociocultural que a industrialização desencadeou.

Em Portugal, a estabilidade política trás consigo algum investimento na construção. ‘O novo regime totalitário, sobretudo a partir do momento em que consolidou o poder político e se assumiu como Estado Novo, reforçou o papel dos arquitectos e deixou vir a si a nova arquitetura’ (Caldas, 1997, p. 23).

Uma nova geração de arquitectos, que apesar da sua formação eclética essencialmente dicotómica entre o modelo *beauxartiano* na linha do racionalismo e outra de pendor nacionalista na senda da ‘Casa Portuguesa’ protagonizada por Raul Lino (1879-1974), rende-se às vanguardas da arquitetura moderna e às virtudes técnicas do betão armado. Estes arquitectos (Cristino da Silva, Pardal Monteiro, Carlos Ramos, Jorge Segurado e Cassiano Branco) vêm, na década de 30 do século XX, a criar e construir um número significativo de obras com referências objectivas à linguagem moderna que crescia na Europa industrializada. Em 1931 é inaugurado o cinema/teatro Capitólio de Cristino da Silva (1896-1976), obra precursora do modernismo em Portugal, que apesar de rendida às virtudes do betão armado e da linguagem moderna, apresenta referências formais às Artes Decorativas. O mesmo Cristino da Silva, inaugura em 1932 o Liceu de Beja, obra esta assumidamente moderna mais racionalista com referências claras à linha internacionalista proclamada por Walter Gropius. Carlos Ramos (1897-1969) vê concluir, em 1933, aquela que talvez seja a sua obra mais moderna – o Pavilhão do Rádio. Pela mão de Pardal Monteiro e com o apoio de Duarte Pacheco (1900-1943) inaugurava-se em 1935 o Instituto Nacional de Estatística e no ano lectivo de 1936/37 o campus universitário do Instituto Superior Técnico (IST) na Alameda D. Afonso Henriques, cujo processo de obra, por razões

de ordem orçamental, foi em crescendo exigindo a Pardal Monteiro uma maior racionalização e depuração da construção, porventura até pretexto para uma aproximação aos ideais da arquitetura moderna. Da autoria de Jorge Segurado, surgem também dois edifícios de expressão moderna e determinantes para a caracterização desta época, o Liceu D. Filipa de Lencastre e a Casa da Moeda onde, assinala-se, são visíveis as influências da arquitetura holandesa, com a qual Segurado tinha já contactado.

A década de 30, prolífica para a arquitetura moderna em Portugal, foi também o momento da mudança estratégica da linguagem do poder. Um conjunto de acontecimentos políticos que entretanto se desencadeavam na Europa fascista, inspirou Oliveira Salazar, que na sua atitude neutra perante uma Europa em Guerra, se identifica com a estética autoritária do poder totalitário de Hitler e Mussolini. Assim, ‘consolidado este (o regime), em situação internacional favorável, clarificam-se os valores estéticos que melhor se identificam com o poder. Há que afirmá-los sem ambiguidades’ (Fernandez, 1988, p. 27).

Mesmo no período precedente, o nacionalismo e a ideia da ‘Casa Portuguesa’, nunca tinham sido inteiramente abandonadas. Com a pressão da Igreja e o apoio dos sectores mais conservadores da ditadura, crescia a vontade de criar os símbolos de afirmação da ‘Portugalidade’.

Em Julho de 1940 (ano em que Maurício Trindade Chagas fizera o projeto do quarteirão) era inaugurada em Lisboa a Exposição do Mundo Português, que constituiu um marco histórico de viragem do rumo da arquitetura em Portugal – a arquitetura de regime. Foi convocado Cottinelli Telmo para Arquitecto-Chefe do certame e convidados praticamente todos os arquitectos que tinham protagonizado o modernismo alguns anos antes. Todos aceitaram participar, não só no desenho da exposição com todas as condicionantes propostas, como também, depois desta, em responder positivamente às encomendas do estado como se o moderno nunca tivesse feito parte dos seus percursos. Era o início de um novo ciclo para a arquitetura portuguesa.

As influências do urbanismo moderno

O quarteirão tradicional foi, em toda a história das cidades, a unidade morfológica que mais se repetiu constituindo-se como elemento estruturante e paradigmático na organização das cidades.

Desencadeia-se, com o advento do urbanismo moderno, um processo de mutação da forma tradicional do quarteirão que passa, entre outros aspectos, por abrir o seu interior à cidade.

O crescimento das cidades, após a Revolução Industrial, trouxe novos e sérios problemas de alojamento e o interior dos quarteirões, destas cidades, tornou-se um território propício ao alojamento de novas comunidades urbanas que cresciam desmedidamente insalubres e fora da vista oficial. Cresciam pequenas comunidades dentro dos quarteirões de Paris e de Londres, sem condições de saneamento, ventilação e salubridade mínimas desencadeando epidemias de cólera incontrolláveis. É a esta realidade que o Barão de Haussmann vai ‘declarar guerra’, com uma política de expropriações demolidora, abrindo corredores de acesso ao interior dos velhos quarteirões e rasgando largas avenidas de desenho moderno e auspicioso. Como produto dos novos traçados surgem novos quarteirões com formas irregulares e poligonais.

‘Aparecem também diversas funções no interior do quarteirão, (...) pela introdução de equipamentos, de serviços, pequena indústria, artesanato, garagens, recolha de viaturas, armazéns ou mesmo jardins. (...) Em outras situações, o quarteirão será rasgado por galerias comerciais – as passagens parisienses, aí se propondo o fim do quarteirão como unidade impenetrável –, prenúncio da evolução morfológica que surgirá do século XX’ (Lamas, 1993, p. 214).

Outro exemplo paradigmático do novo urbanismo é o plano de Ildefonso Cerdá para Barcelona, quase contemporâneo da intervenção de Haussmann em Paris. Este parte também de uma quadrícula geométrica, mais regular que a de Paris, mas propõe paralelamente um leque variado de possibilidades de implantação dos edifícios, como alternativa à tradicional conceção de

ocupação do quarteirão, por exemplo: construindo apenas duas bandas em dois dos lados paralelos do quarteirão, abrindo-se um corredor arborizado ao eixo longitudinal para uma circulação secundária (e porventura pedonal); ou, construindo edifícios em ‘U’, que ocupam três dos quatro lados do quarteirão, abrindo o seu interior, ordenado e arborizado, à utilização pública.

A cidade nova apresentava-se agora, numa extensão geometricamente planeada e racionalizada, com vias principais de circulação, mas com uma sucessão de percursos alternativos, pedonais, mais lentos e arborizados, promotores do arejamento e de uma vivência urbana mais saudável e moderna.

A criação de um subsistema de circulação urbana, afastado das vias principais, agora dedicadas à velocidade do automóvel, é um conceito moderno que vem, em crescendo, a ganhar importância. Este princípio, associado diretamente à abertura do quarteirão à utilização pública, tendo sido impulsionado inicialmente, como vimos, por razões de ordem da saúde pública e da higienização do espaço urbano, ganha, contudo, uma nova importância, agora de ordem social, quando se procura proporcionar aos cidadãos da nova cidade a convivência saudável, que anteriormente se usufruía nas pequenas comunidades rurais.

Ebenezer Howard (1850-1928) com o modelo da Cidade-Jardim no último quartel do século XIX propõe, em oposição à densa cidade industrial, a ocupação de subúrbios urbanos com pequenos aglomerados de baixa densidade, em que os conjuntos edificados se dispõem em volta de um largo (impasse) abundantemente arborizado cujo acesso se processa a partir da via principal de circulação: como quarteirões abertos à vivência pública promotora das relações sociais de vizinhança, ‘reinterpretando o pátio de quinta anglo-saxónico como espaço de convivência e estrutura das construções que o envolvem’ (Lamas, 1993, p. 312).

Noutros países da Europa, envolvidos com a reconstrução das suas cidades e com o progresso, realizam-se também aplicações destes modelos, são os casos das *Siedlung* e dos *Hoff* na Alemanha e na Áustria, respectivamente. Mas é na Holanda, país em franco crescimento económico no princípio



Figura 7. Vista da rua, interior do quarteirão.

do século XX, de forte vocação progressista e com políticas sociais emergentes, onde se realizam experiências urbanas em tudo semelhantes àquela que motiva este estudo. São também aqui, as necessidades de habitação e de melhorias das condições de vida de um país recentemente industrializado e comercialmente dinâmico, que originam políticas de atuação sobre o território, controlando a especulação imobiliária e propondo soluções de habitação condignas às classes desfavorecidas. Elaboram-se planos para a expansão de Amsterdão em larga escala onde se utilizam o modelo anglo-saxónico da Cidade-Jardim e o da cidade tradicional de geometria regular com quarteirões (Lamas, 1992, p. 323). A emergência das teorias sobre a cidade moderna e a aplicação extensiva do tipo ‘quarteirão’ associada à tendência política para a ‘desprivatização’ do espaço urbano privado, desencadeiam a experimentação continuada e sistemática da abertura do interior do quarteirão à cidade.

Neste processo de ‘destruição’ do quarteirão holandês, existem três fases de evolução que importa identificar. Seguindo a tradição holandesa, as habitações ao nível do rés-do-chão, têm destinada a utilização de um pequeno jardim nas traseiras, pelo que, numa primeira fase, se abre num dos topos (ou mesmo nos dois), do quarteirão rectangular e longo, um arco, que dá acesso de serviço, estreito e longitudinal, aos jardins privados das habitações do rés-do-chão. Numa segunda fase, a dimensão destes jardins é reduzida, aumentando-se a largura da rua interior que assim adquire uma utilização mais colectiva e lúdica por parte

de todos os moradores. Numa terceira fase, é eliminado um dos topos do edificado, abrindo-se totalmente o espaço do quarteirão à cidade, tendo mesmo servido, nalguns casos, de espaço à implantação de equipamentos públicos (Lamas, 1993, p. 326).

É neste ambiente de democratização do espaço que se desenvolve um número considerável de projetos de cidade que procura a transformação da concepção tradicional do quarteirão. E é a descoberta dessa experimentação que em sincronia com a vontade da modernidade consequente a uma década de abertura do país às novas linguagens e concepções do espaço público e privado que nos sugerem uma forte influência com a solução adoptada no nosso quarteirão de Lisboa.

Conclusões

Após uma década de aceitação e abertura em relação ao Moderno, com um olhar ambicioso para a Europa e para o futuro auspicioso que se desenhava, o ano de 1940 – ano em que Maurício Trindade Chagas, elabora o projeto para o quarteirão em estudo – constitui um marco de viragem do rumo da arquitetura em Portugal. É um ano de inflexão estratégica, de inspiração fascista, no sentido da procura de uma identidade nacional da arquitetura e da negação de qualquer linha de reflexão ligada à vanguarda internacional do Movimento Moderno. É o ano da Exposição do Mundo Português, certame de celebração do regime. É um olhar para trás, para a nostalgia da

história e do glorioso império.

O projeto de Chagas, na vizinhança da Casa da Moeda, do IST, do Liceu Filipa de Lencastre, do INE e das moradias da Avenida António José de Almeida, embora ordenado por uma regra racionalizante na composição, apresenta uma estrutura de disposição de vãos, bem como de alguns elementos de cantaria, de adorno acessório, que nos remetem à razão do pitoresco e ambicionado portuguesismo. Já o tipo de quarteirão adotado, bem como a introdução de uma faixa ajardinada entre o conjunto edificado e a principal via automóvel, que o separa da Casa da Moeda, edifício de concepção anterior e ícone do primeiro moderno, revelam uma atitude de ambição francamente moderna. À imagem das soluções de quarteirão amplamente experimentadas no princípio do século XX na Holanda, as quais se acredita terem servido de modelo a esta abordagem, este quarteirão, proporciona, excepcionalmente em Lisboa, a possibilidade de percorrer o seu interior através de uma via que o atravessa. De largura estreita e sem a grandeza dos quarteirões holandeses que proporcionam uma utilização lúdica e de permanência, este elemento propõe uma experiência de percurso pedonal urbano e alternativo à comum convivência com o automóvel.

É no entanto de referir que a sua atual utilização está longe daquela que se pensa ter

sido a idealizada por Chagas. A sua condição de rua interior, com acesso visual limitado ao transeunte em virtude da configuração em 'Y' dos corredores em túnel que lhe dão acesso, associada, porventura, a uma experiência e cultura urbanas insipientes deste tipo de solução, terão contribuído para uma certa degradação pouco convidativa à sua utilização. Este espaço serve hoje de estacionamento de automóveis (Figura 7), alguns deles abandonados e apresenta sinais de utilização marginal e insalubre, que afastam qualquer intenção de utilização.

Referências

- Agarez, R. (2008) *Património arquitectónico de habitação multifamiliar do século XX* (IHRU/IGESPAR, Lisboa).
- Caldas, J. V. (1997) 'Cinco entremeios sobre o ambíguo modernismo', *Arquitectura do Século XX – Portugal* (Centro Cultural de Belém, Lisboa) 23-31.
- Choay, F. (1965) *L'urbanisme, utopies et réalités: une anthologie* (Seuil, Paris).
- Fernandez, S. (1988) *Percurso. Arquitectura portuguesa 1930/1974* (Edições FAUP, Porto).
- Lamas, J. R. G. (1993) *Morfologia urbana e desenho da cidade* (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa).
- Rodrigues, M. J. M. (1979) *Tradição, transição e mudança*, Lisboa (ESBAL, Lisboa).
- Zevi, B. (1950) *Storia dell'architettura moderna* (Einaudi, Turim).

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Between tradition and modernity: an open street block in the *Avenidas Novas*, Lisbon

Abstract. *In Lisbon, there are few street blocks opening their interior space to the city. The existing open streets blocks were built around 1940, the year of the Exhibition of the Portuguese World, an event for the political promotion of the dictatorial regime that represented an inflection in a policy of modernity of the nation. This is an important year for portuguese architecture as it means the beginning of a new cycle after a decade of a relative opening of the regime to a number of works clearly referenced to the modern architecture that was being developed in Europe. In that year, 1940, architect Maurício Trindade Chagas designed the project for a housing block with a particular modern feature: its interior was accessible to public use, and the block could be crossed throughout a longitudinal axis designed for pedestrian traffic. This block stands in front of the so-called Casa da Moeda, a remarkable modern building clearly influenced by Dutch architecture. This paper characterizes the conceptual ambivalence of the project for the street block: the language of the Estado Novo and the modernity of the block type. The main events in the construction of the street block are framed in their time and the models for the design of this new block are identified.*

Keywords: open street block, modernity, urbanity, Lisbon